



Centro de Pesquisa
**Comunicação
& Trabalho**

Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia do Covid-19?



DADOS DO
CEARÁ

ISBN 978-65-00-06487-2

Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?
Dados do Ceará

Créditos

Realização da pesquisa nacional

Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Universidade de São Paulo (CPCT-ECA-USP)

Coordenação da pesquisa nacional

Profa. Dra. Roseli Aparecida Figaro Paulino (CPCT-ECA-USP)

Colaboração na aplicação da pesquisa no Ceará

Grupo de Pesquisa PráxisJor da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Organização, interpretação de dados do Ceará e redação do relatório

Profa. Ms. Naiana Rodrigues da Silva (CPCT-ECA-USP/PRAXISJOR-UFC)

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (PRAXISJOR-UFC)

Agradecimentos

Profa. Ms. Mayara Carolinne Beserra de Araújo (PRAXISJOR-UFC)

Está autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Biblioteca de Ciências Humanas
Bibliotecário Me. Francisco Edvander Pires Santos (CRB-3/1212)**

C728

Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia do Covid-19?: dados do Ceará / organização: Naiana Rodrigues da Silva e Rafael Rodrigues da Costa - São Paulo: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP); Fortaleza: PRAXISJOR-UFC, 2020.

44 p. : il. color.

ISBN 978-65-00-06487-2

1. Comunicação Social. 2. Jornalistas. 3. Pesquisa em Jornalismo. 4. Jornalismo no Ceará. 5. Pandemia de Covid-19. I. Silva, Naiana Rodrigues da. II. Costa, Rafael Rodrigues da. III. Título.

CDD 070.8131

Sumário

Introdução	6
Nota metodológica	7
Dados referentes ao Ceará	8
Considerações finais	42
Referências	44

Introdução

A próxima década será decisiva para o jornalismo e a pandemia de Covid-19 já influencia esse futuro: é o que afirma a edição 2020 do Índice Mundial da Liberdade de Imprensa, produzido desde 2002 pela Repórteres Sem Fronteiras (ÍNDICE, 2020). O levantamento afirma que a pandemia evidencia e aprofunda a crise vivenciada pelo jornalismo mundial, a qual se divide em cinco aspectos: "crise geopolítica (agressividade dos modelos autoritários), tecnológica (falta de garantias democráticas), democrática (polarização, políticas repressivas), de confiança (suspeita, e ódio direcionado aos meios de comunicação) e econômica (precarização do jornalismo de qualidade)" (ÍNDICE, 2020).

A informação é uma arma fundamental para a defesa dos cidadãos durante a pandemia e o jornalismo, ao declarar-se como forma confiável de receber orientações sobre formas de contágio e de prevenção, reforça seu pacto de credibilidade com o público (CHRISTOFOLETTI, 2019). Segundo pesquisa Datafolha, realizada em março deste ano, "programas jornalísticos da TV (61%) e jornais impressos (56%) lideram no índice de confiança sobre o coronavírus" (MARQUES, 2020), seguidos por programas de rádio (50%) e sites noticiosos (38%). Apenas 12% dos participantes dizem confiar em informações via Whatsapp e Facebook. Já de acordo com levantamento da Claro, operadora de TV por assinatura no Brasil, a audiência dos canais de notícias aumentou 118% desde que a pandemia foi declarada pela OMS, em 12 de março (RICCO, 2020).

Os comunicadores são os profissionais da informação. Eles e elas estão trabalhando para ajudar a população a ter acesso à informação de qualidade sobre como combater o vírus e as formas de proteção, como garantir suprimentos, movimentar-se, tornar o distanciamento social viável, a relação das empresas com os seus empregados entre outras informações relevantes. Esse papel implica em uma intensa demanda de trabalho de jornalistas, relações públicas, publicitários, educadores, gestores e técnicos que organizam e tratam a informação – são profissionais que estão no olho do furacão, ajudando a sociedade a enfrentar a crise pandêmica.

Para saber como eles e elas estão trabalhando e também se cuidando, o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) desenvolveu a pesquisa ["Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?"](#). Foi aplicado um questionário, de 5 a 30 de abril, com questões referentes às condições de trabalho entre profissionais de comunicação, o qual foi respondido por 557 pessoas em 25 estados e no Distrito Federal, além de Portugal.

No Ceará, dois trabalhadores atuantes em instituições de mídia morreram em razão da Covid-19, segundo dados divulgados pelo Sindicato dos Jornalistas no dia 22 de maio de 2020. Cerca de 20 casos foram registrados entre jornalistas cearenses.

A seguir, apresentamos uma nota metodológica acerca da obtenção e tratamento de dados da pesquisa e, em seguida, um sumário comentado dos dados referentes ao Ceará.

Nota metodológica

A investigação realizada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) tem viés qualitativo e uma amostra de participantes não-probabilística. O instrumento de pesquisa escolhido para obtenção dos dados foi o questionário por possibilitar o espalhamento em diferentes canais de forma a coletar dados sobre a realidade de trabalho de comunicadores de diversas localidades do País. Para tanto, recorreu-se à divulgação por e-mail, plataformas de redes sociais, listas de transmissão de whatsapp, além da fixação do link para o formulário digital no site do CPCT.

Para garantir a abrangência da investigação, o questionário foi repassado também para instituições representativas dos trabalhadores na área de comunicação no Brasil, para entidades científicas de pesquisa em Comunicação e para a imprensa. Localmente, a pesquisa foi divulgada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará.

O instrumento de coleta foi composto por 30 questões, que subdividiram em 18 abertas e 12 objetivas. A prevalência de respostas abertas se deve ao fato de a pesquisa ter viés qualitativo e não ambicionar a construção de uma representação estatística do universo de comunicadores brasileiros. O objetivo por meio da aplicação do questionário foi obter uma amostragem por representação social dos comunicadores que estavam trabalhando durante a pandemia. A escolha dessa técnica de coleta de dados também se deveu à sua praticidade, pois os participantes da pesquisa poderiam responder o questionário no momento em que lhes conviesse, não sendo necessário, por exemplo, o agendamento de um encontro com os pesquisadores para a realização de uma entrevista, que demandaria mais tempo e meios técnicos como aplicativos para realização de videochamadas.

Ao todo, 557 pessoas participaram da pesquisa por meio da resposta ao questionário, sendo 38 delas do Ceará. A coleta de dados aconteceu entre os dias 5 e 30 de abril de 2020.

Este relatório foi elaborado a partir do banco de dados nacional com informações padronizadas e sistematizadas pelos pesquisadores do CPCT. Os resultados locais foram organizados em quadros, gráficos e sentenças analíticas que nos permitem fazer afirmações sobre as condições em que trabalham os comunicadores no período de pandemia. Epistemologicamente, a interpretação dos dados se situa no binômio Comunicação e Trabalho (FÍGARO, 2008) e eventualmente convoca matrizes complementares, como os estudos feministas ou a sociologia das profissões.

Dados referentes ao Ceará

Local das respostas

Ao todo, 38 registros são de profissionais que atuam no Ceará.

QUADRO 1

Local declarado do registro	Quantidade
CE	10
CE, Fortaleza	28

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações

1. Nota-se que muitos dos registros que indicam apenas Ceará como local são de profissionais atuantes e/ou residentes em Fortaleza.
2. Outros dados: São Paulo - 206 registros; Minas Gerais - 58 registros; Rio Grande do Sul - 51 registros; Paraná - 29 registros; Rio de Janeiro - 21 registros; Pernambuco - 19 registros; Bahia - 17 registros. Assim, o Ceará é o quarto estado em número de participantes da pesquisa.

Idade dos participantes

A maior parte dos participantes (53,8%) se concentra na faixa entre 30 e 39 anos de idade. Outra parcela relevante dos participantes da pesquisa (30,8%) têm entre 20 e 29 anos.

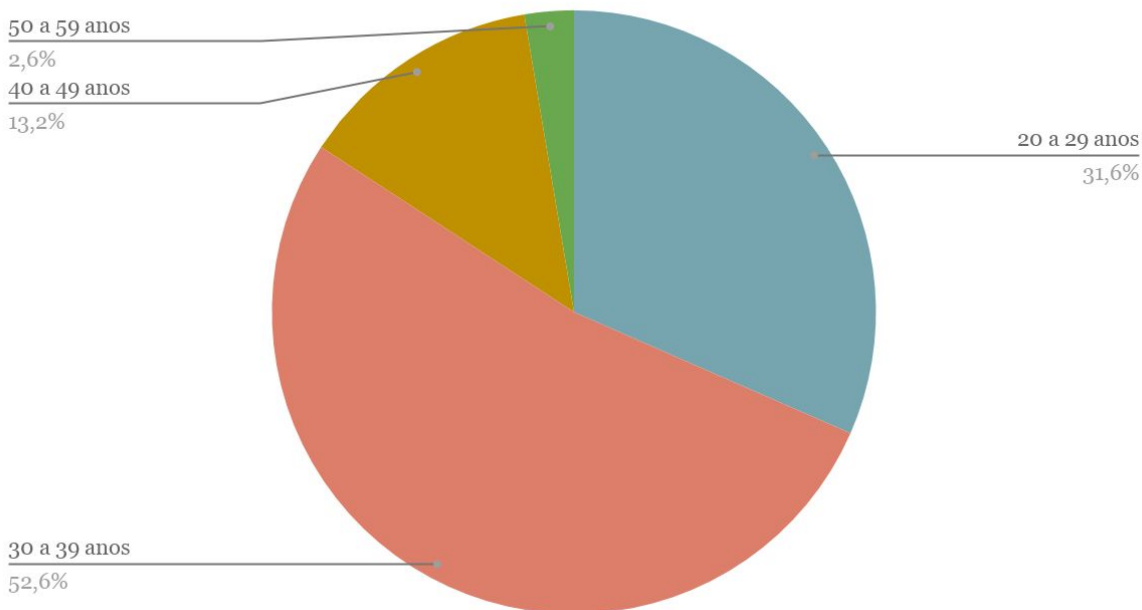
QUADRO 2

Faixa etária dos participantes	Quantidade
20 a 29 anos	12
30 a 39 anos	20
40 a 49 anos	5
50 a 59 anos	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 1

Idade dos respondentes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações

1. Os dados nacionais da pesquisa, considerados como um todo, apontam para a prevalência da faixa etária entre 30 e 39 anos (221 dos 557 registros, ou 39,68% do total). As faixas etárias entre 20 e 29 anos e 40 e 49 anos também são representativas nesse universo amostral, possuindo, respectivamente, 120 (21,54%) e 114 (20,47%) registros.

Gênero dos participantes

Entre os participantes da pesquisa, há a prevalência do gênero feminino, com a participação de 25 mulheres (65,8%) e de 13 homens (34,2%).

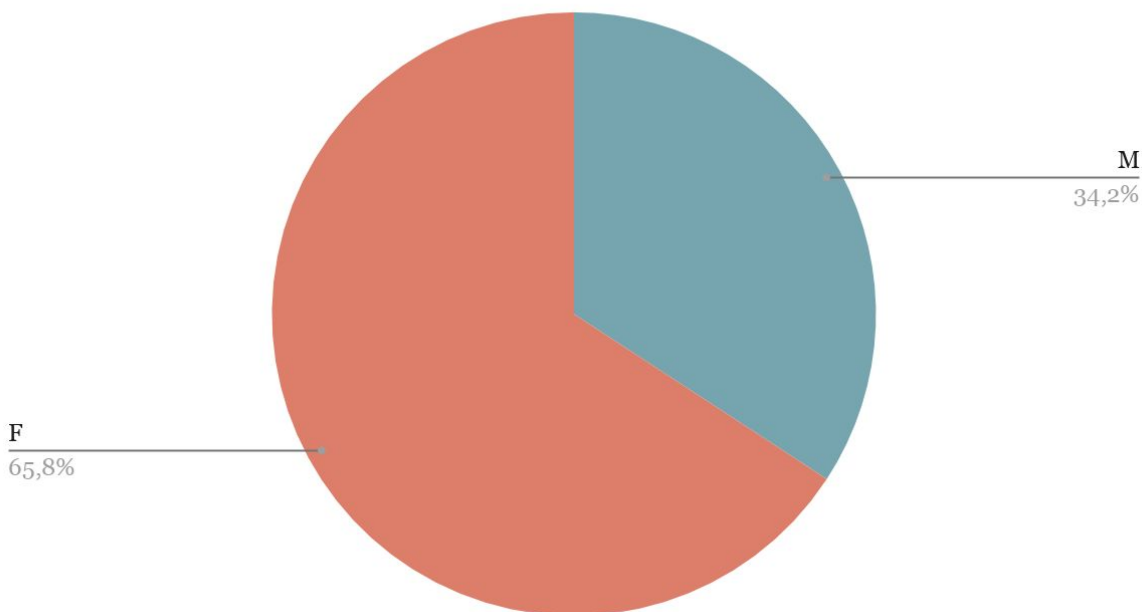
QUADRO 3

Gênero dos participantes	Quantidade
Feminino	25
Masculino	13

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 2

Gênero dos respondentes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações

1. A maior presença de respondentes declaradas mulheres no recorte amostral nacional também ocorre, com 334 respondentes desse gênero (59,96%).
2. Esse dado ratifica a percepção de que o jornalismo tem se tornado uma atividade profissional majoritariamente feminina, constatação presente em estudos como o Perfil do Jornalista Brasileiro (BERGAMO, MICK e LIMA, 2012).

Estado civil dos participantes

Dentre os informantes atuantes no Ceará, 22 deles (57,9%) declararam ser solteiros, ante 10 (26,3%) que se declaram casados e outros 6 (15,8%) que informaram estar em união estável.

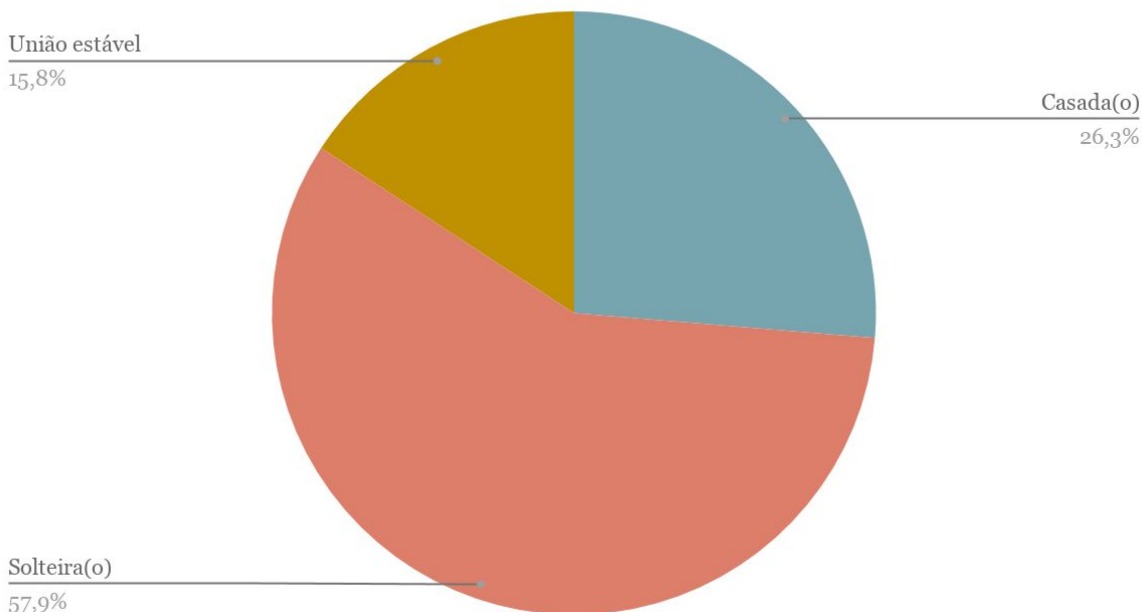
QUADRO 4

Estado civil dos participantes	Quantidade
Casada(o)	10
Solteira(o)	22
União estável	6

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 3

Estado civil dos respondentes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações

1. A maioria dos participantes no Ceará declara não ter filhos: são 25 ao todo, enquanto 13 têm filhos.
2. Os dados nacionais da pesquisa indicam uma mesma prevalência de profissionais declaradamente solteiros (276 registros, ou 49,55%). Casados são 194 (ou 34,83%), enquanto 80 participantes (14,36%) declaram estar em união estável.

Formação dos participantes

Observou-se a participação majoritária na pesquisa de profissionais formados em Jornalismo. Eles somaram 36 respostas, o equivalente a 94,7% do total da amostra. Contabilizou-se apenas a participação de um profissional formado em Publicidade e um em Relações Públicas.

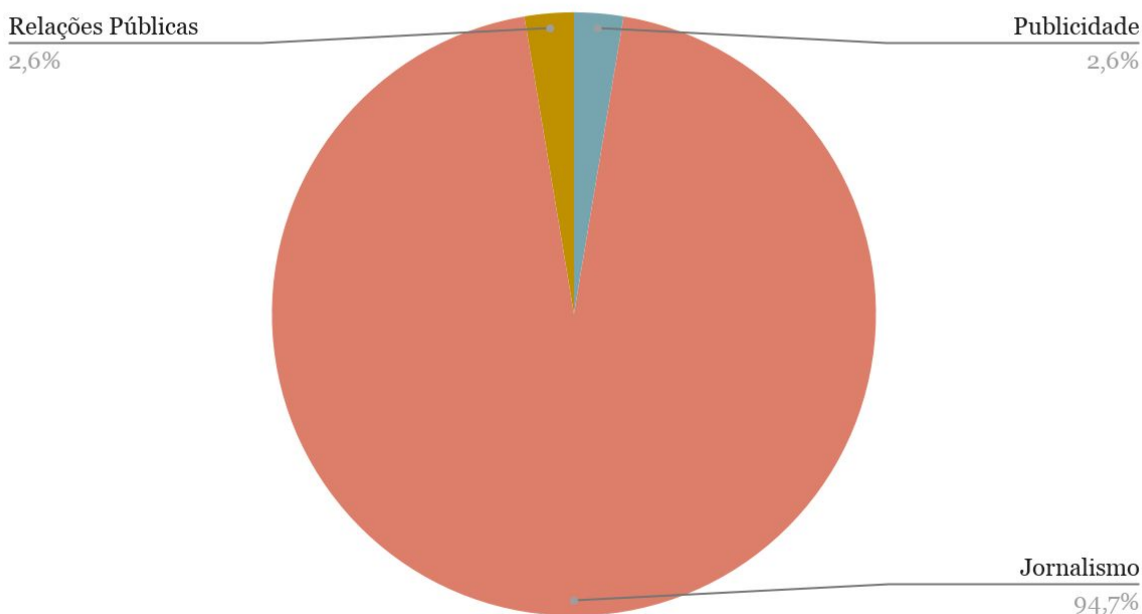
QUADRO 5

Formação dos participantes	Quantidade
Jornalismo	36
Publicidade	1
Relações Públicas	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 4

Formação dos participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Profissão dos participantes

A maioria dos profissionais que participaram da enquete atuam como jornalistas (23 ou 61%). Também estão presentes na amostra os profissionais professores (4 ou 11%); assessores de comunicação (4 ou 11%) e repórteres (2 ou 5%).

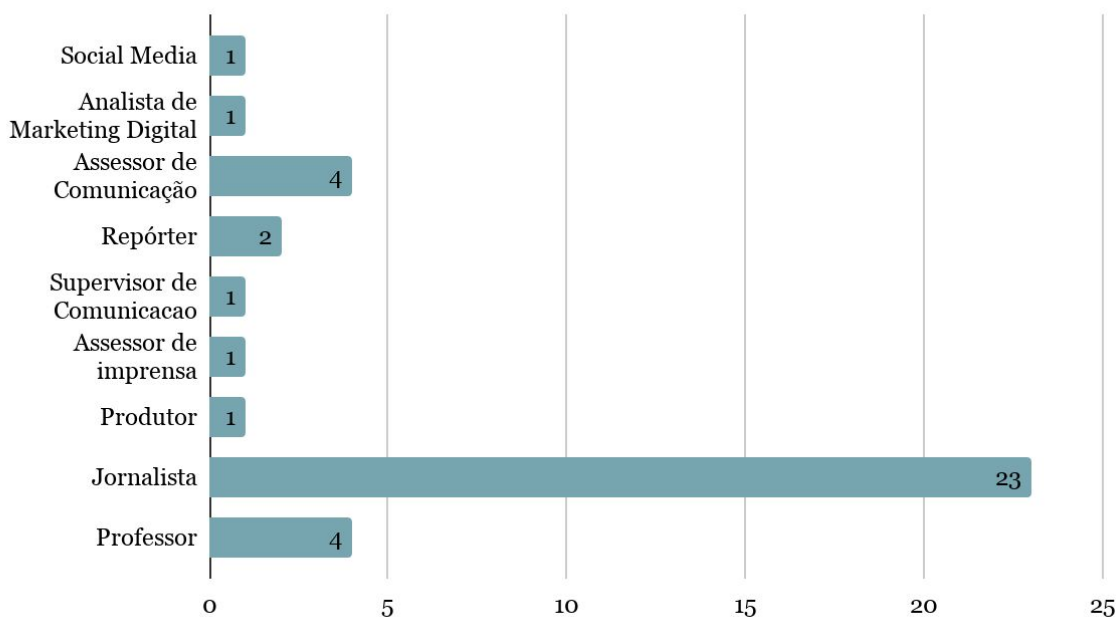
QUADRO 6

Profissão dos participantes	Quantidade
Jornalista	23
Professor	4
Assessor de comunicação	4
Repórter	2
Produtor	1
Assessor de imprensa	1
Supervisor de comunicação comunitária	1
Analista de Marketing Digital	1
Social Media	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 5

Profissões dos participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações

1. Como os profissionais das áreas de Publicidade e Relações Públicas atuam como professores, todas as demais profissões são exercidas por trabalhadores graduados em Jornalismo. Contudo, nem todos realizam trabalhos de jornalistas e, outros, como os participantes que se denominam repórteres, se identificam mais com a especificidade da função que realizam.

Onde trabalham os participantes

Entre os participantes cearenses, a maioria (37%) deles trabalham em empresas de mídia tradicional. Entre as organizações e instituições mais citadas estão ainda instituições de ensino, pesquisa e extensão (24%), instituições públicas estaduais (10%) e mídias alternativas, independentes, comunitárias e sindicais (10%).

QUADRO 7

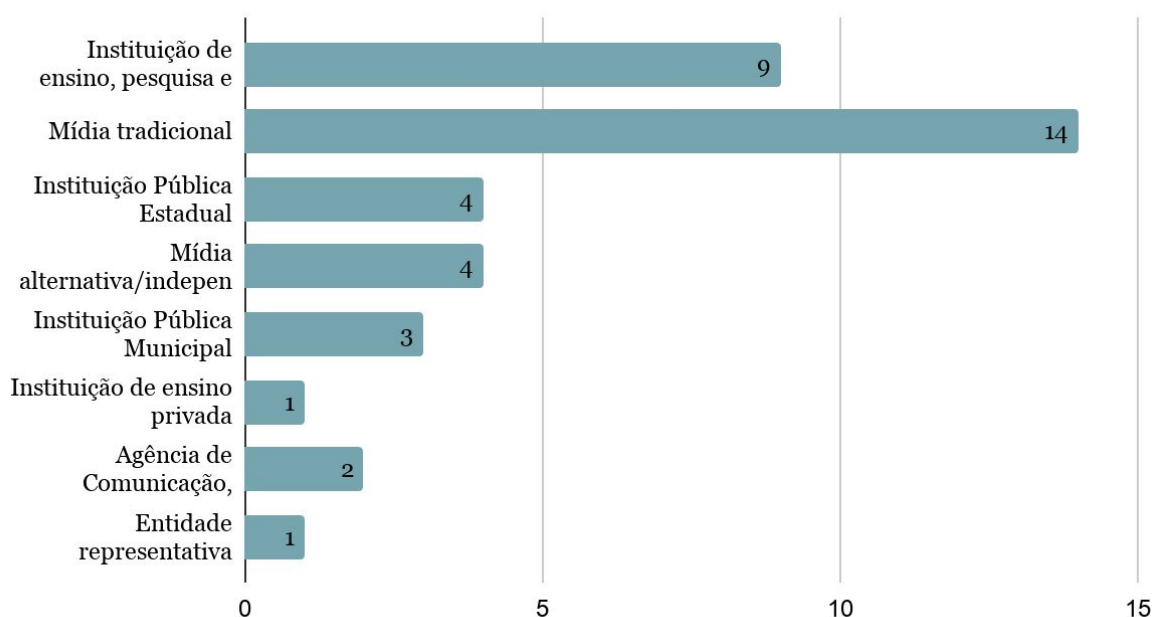
Onde trabalham os participantes	Quantidade
Mídia tradicional	14
Instituição de ensino, pesquisa e extensão	9
Instituição Pública Estadual	4

Mídia alternativa/independente/comunitária/sindical	4
Instituição Pública Municipal	3
Agência de Comunicação, Marketing e Publicidade	2
Instituição de ensino privada	1
Entidade representativa estadual	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 6

Onde trabalham os participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Entre todos os participantes, um havia sido demitido quando respondeu à pesquisa e outro teve que suspender os trabalhos comerciais em razão da pandemia.

Em qual suporte trabalham os participantes

Com exceção dos comunicadores que atuam como professores, os demais participantes trabalham com mídias como impresso, internet, rádio e TV. Dentre eles, 16 produzem materiais para dois ou mais suportes (43%), assumindo assim o perfil de profissionais multimídias. Da mesma forma, 16 profissionais dedicam-se à produção para um único suporte (43%). Entre os suportes únicos, o mais recorrente é a internet, que é citada em 12 respostas.

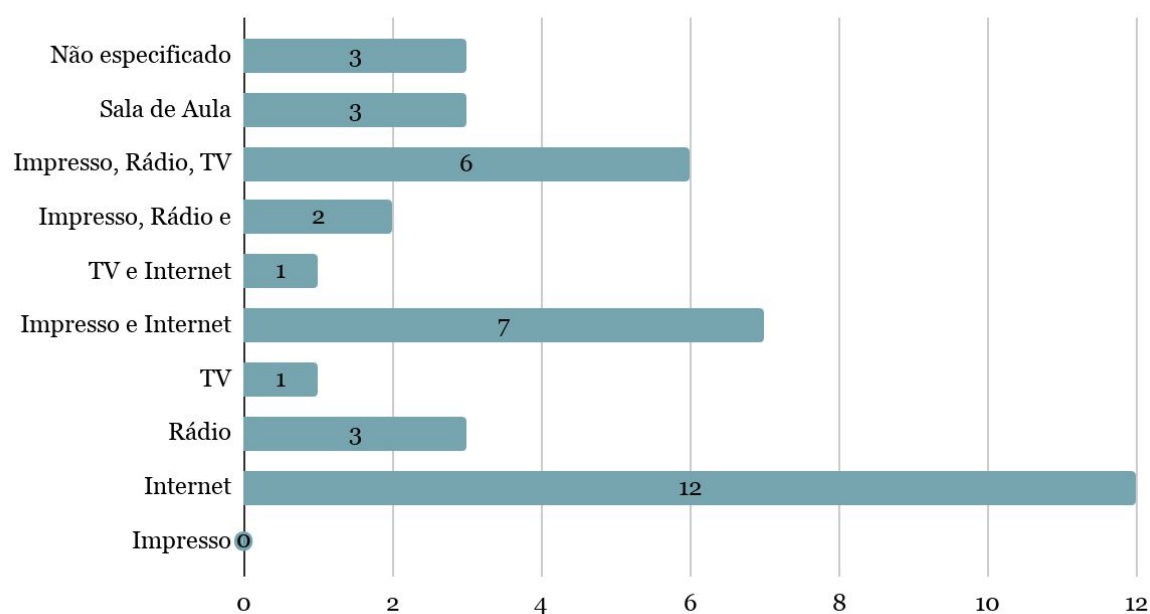
QUADRO 8

Em qual suporte trabalham os participantes	Quantidade
Internet	12
Impresso e Internet	7
Impresso, Rádio, TV e Internet	6
Rádio	3
Sala de aula (presencial e online)	3
Não especificado	3
Impresso, Rádio e Internet	2
TV e Internet	1
TV	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 7

Em qual suporte trabalham os participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Os três participantes que não especificaram o suporte com o qual trabalham responderam apenas que trabalham em assessorias.

Cargos ocupados pelos participantes

A amostra da pesquisa revelou uma diversidade de cargos ocupados pelos participantes. Os mais recorrentes foram o cargo de repórter, ocupado por 12 participantes (30%); assessor(a) de comunicação e/ou de imprensa, com 7 ocorrências (17,5%) e o de coordenador (a) de comunicação/mídia e conteúdo, com 6 respostas (15%) do total. É importante mencionar que quatro participantes ocupam mais de um cargo simultaneamente, portanto, a contagem absoluta dos cargos e funções será superior a 38 (número total de participantes da pesquisa no Ceará).

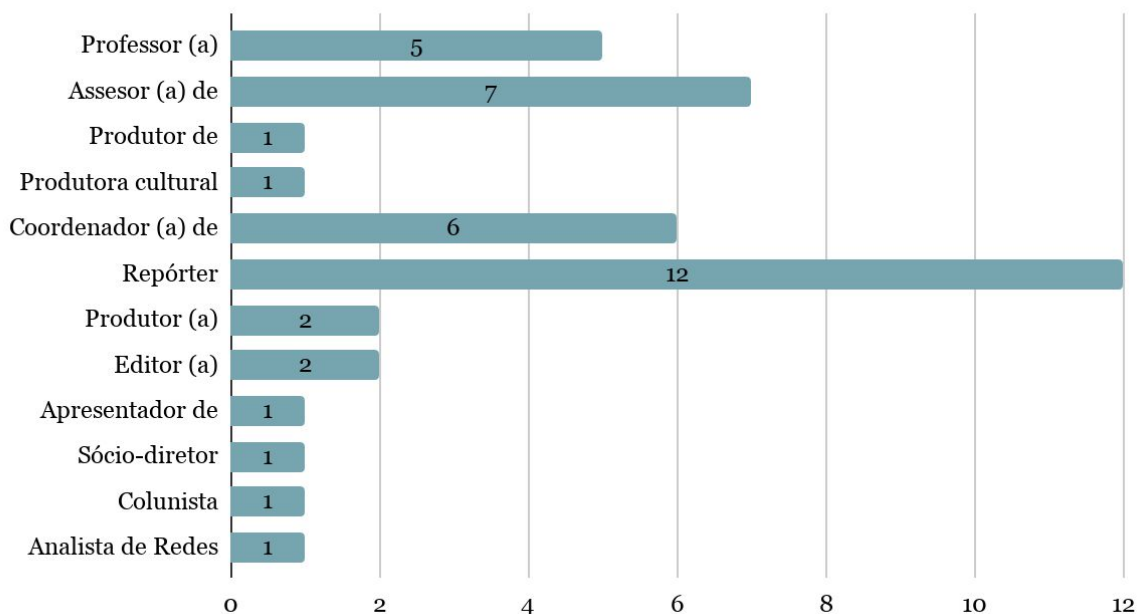
QUADRO 9

Quais cargos os participantes ocupam	Quantidade
Repórter	12
Assessor (a) de comunicação e/ou de imprensa	7
Coordenador (a) de comunicação/mídia/conteúdo	6
Professor (a)	5
Editor (a)	2
Produtor (a)	2
Colunista	1
Analista de Redes Sociais	1
Sócio-diretor	1
Apresentador de Rádio	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 8

Cargos ocupados pelos participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Atividades realizadas pelos participantes

Assim como se observa uma diversidade entre os cargos ocupados pelos participantes da pesquisa, há também uma variedade de funções realizadas pelos comunicadores. Produção de conteúdos foi citada por 12 participantes (32%), redação de textos foi a segunda mais mencionada, com 10 citações (27%) e em terceiro tem-se a realização de entrevistas, mencionada por 9 profissionais (24%). Importante destacar que todos os participantes realizam duas ou mais atividades de atividades de trabalho diferentes relacionadas aos cargos que ocupam.

QUADRO 10

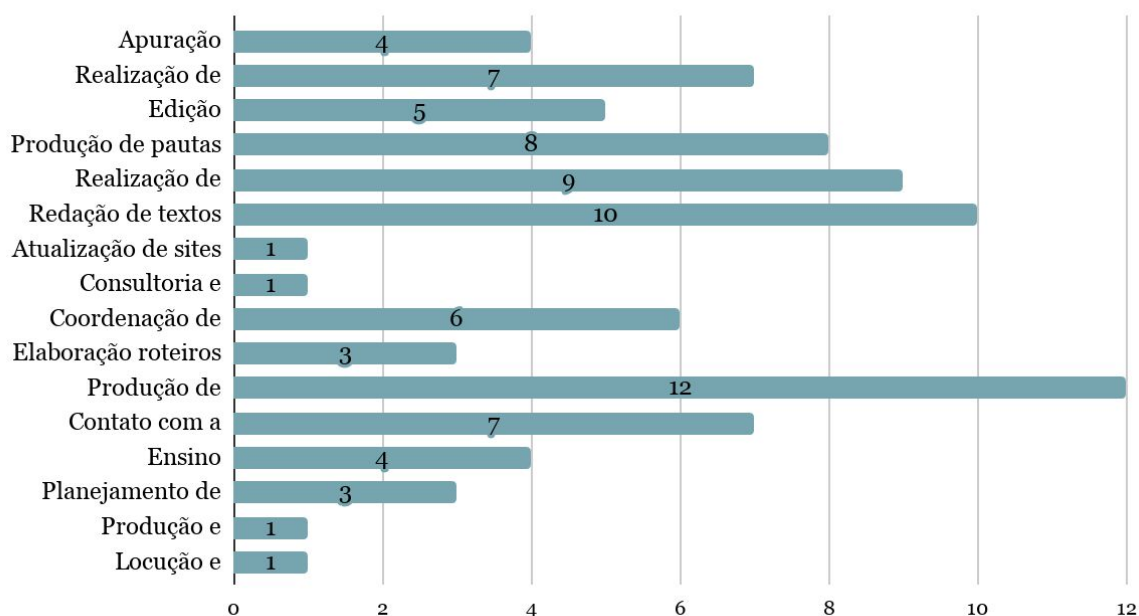
Atividades realizadas pelos participantes	Quantidade
Produção de conteúdos	12
Redação de textos	10
Realização de entrevistas	9
Produção de pautas	8
Realização de reportagem	7
Contato com a imprensa	7

Coordenação de equipes	6
Edição	5
Apuração	4
Ensino	4
Elaboração de roteiros	3
Planejamentos de ações de comunicação	3
Atualização de sites e redes sociais	1
Consultoria e treinamentos	1
Produção e realização de podcasts	1
Locução e Apresentação	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 9

Atividades realizadas pelos participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. O termo produção de conteúdo é usado pelos profissionais que trabalham em meios digitais, sobretudo para a definição da atividade de realização de postagens em plataformas de redes sociais.

Condição de trabalho de forma remota, em home office, dos participantes

O trabalho em home office, em casa, foi adotado pela grande maioria dos participantes da pesquisa, 93% deles estão trabalhando em casa, enquanto os demais estão ou em regime de jornadas mista, ora trabalhando em home office e ora na empresa, ou em coberturas externas, e apenas um sujeito não realiza trabalho home office de forma alguma.

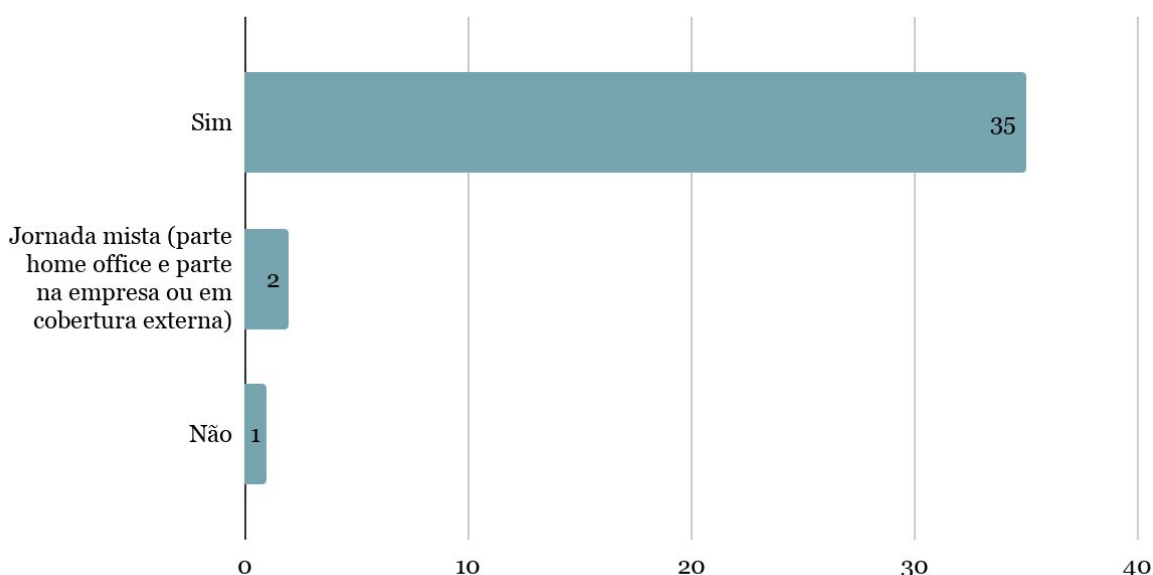
QUADRO 11

Adoção do trabalho em home office pelos participantes	Quantidade
Sim	35
Jornada mista	2
Não	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 10

Condição de trabalho de forma remota, em home office, dos participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. O profissional que não está em trabalho home office é um jornalista da mídia tradicional, enquanto os dois que responderam estar em jornada mista também são profissionais atuantes em empresas de mídia tradicional.

Meios de trabalho usados pelos participantes

Em relação aos meios para a execução dos trabalhos, a totalidade dos participantes (100%) usam o computador para realizar suas tarefas. Conexão de internet doméstica foi citada como meio de trabalho por 95% dos participantes, enquanto o smartphone também é um meio de trabalho para 93% dos comunicadores.

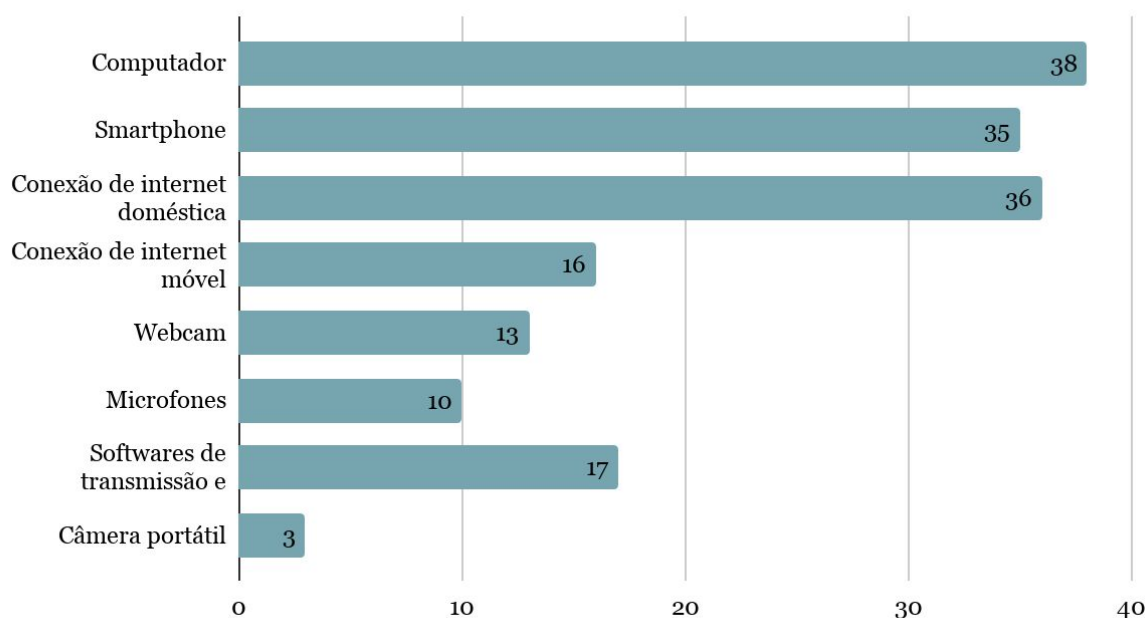
QUADRO 12

Meios de trabalho usados pelos participantes	Quantidade
Computador	38
Conexão de internet doméstica	36
Smartphone	35
Softwares de transmissão e streaming	17
Conexão de internet móvel	16
Webcam	13
Microfone	10
Câmera portátil	3

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 11

Meios de trabalho usados pelos participantes



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Um dos participantes que afirmou não usar conexão de internet doméstica como meio de trabalho é o mesmo que não está trabalhando em home office.
2. Apenas um sujeito citou usar um único meio de trabalho, no caso, o computador.

Propriedade dos meios de trabalho usados pelos participantes

A grande maioria dos respondentes (81,6%) declara ser proprietário dos meios de trabalho utilizados durante a pandemia.

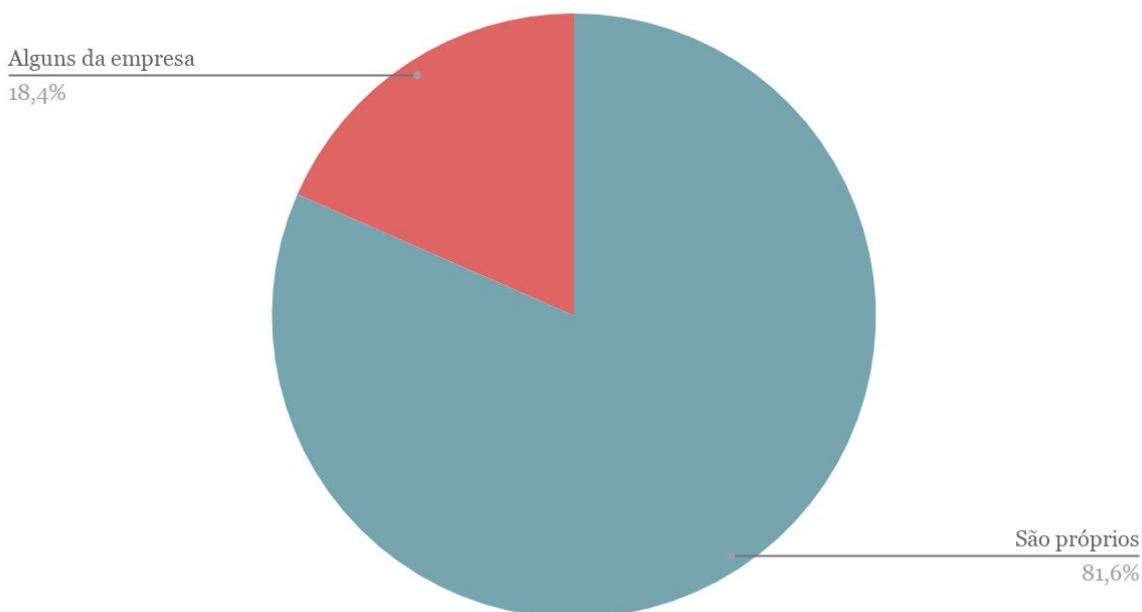
QUADRO 13

Propriedade dos meios de trabalho	Quantidade
São próprios	31
Alguns são da empresa e outros meus	7

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 12

Propriedade dos meios de trabalho



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Os dados nacionais da pesquisa revelam nuances ausentes da amostra cearense, por exemplo respondentes que tem trabalhado exclusivamente com meios de

propriedade da empresa contratante (36 registros, ou 6,46%). Contudo, a maioria dos respondentes (325, ou 58,35%) declara trabalhar com recursos próprios.

2. A prevalência da utilização de recursos próprios no recorte amostral do Ceará nos parece indicar maior fragilidade na oferta de recursos e suporte aos profissionais, por parte das empresas contratantes, em nosso Estado, o que talvez seja um traço já presente na cultura organizacional dessas instituições.

Utilização de espaço virtual para organização do trabalho (como WhatsApp, Telegram, Facebook Messenger etc.)

Quase metade dos respondentes atuantes no Ceará (17, ou 44,74%) declaram utilizar em conjunto os aplicativos WhatsApp (funcionalidade de grupo) e Trello, além de e-mail, como espaços de organização do trabalho. O recurso de grupo no WhatsApp é utilizado, isoladamente, por outros 10 respondentes (26,32%). Há ainda menções, minoritárias, à utilização de software próprio das empresas.

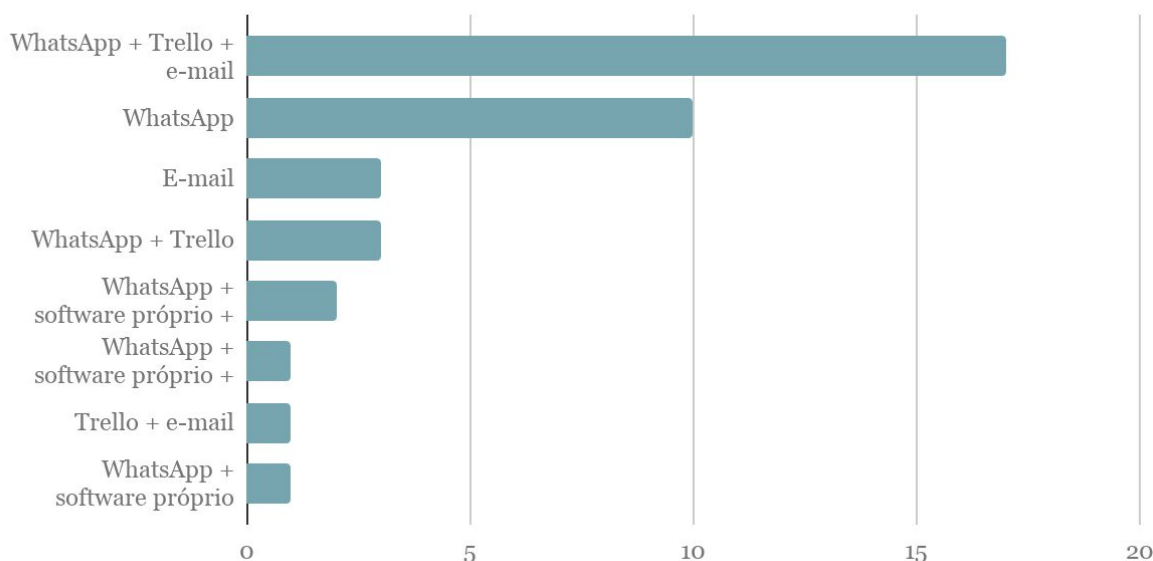
QUADRO 14

Utilização de espaço virtual para organização do trabalho	Quantidade
Há um grupo no WhatsApp para organização do trabalho. Há o uso de aplicativos para organização do trabalho, como o Trello. Há o uso de e-mail para organização do trabalho	17
Há um grupo no WhatsApp para organização do trabalho	10
Há o uso de e-mail para organização do trabalho	3
Há um grupo no WhatsApp para organização do trabalho. Há o uso de aplicativos para organização do trabalho, como o Trello	3
Há um grupo no WhatsApp para organização do trabalho. Há um software próprio da empresa para organização do trabalho. Há o uso de aplicativos para organização do trabalho, como o Trello. Há o uso de e-mail para organização do trabalho	2
Há um grupo no WhatsApp para organização do trabalho. Há um software próprio da empresa para organização do trabalho. Há o uso de email para organização do trabalho	1
Há o uso de aplicativos para organização do trabalho, como o Trello. Há o uso de email para organização do trabalho	1
Há um grupo no WhatsApp para organização do trabalho. Há um software próprio da empresa para organização do trabalho	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 13

Utilização de espaço virtual para organização do trabalho



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Esses dados permitem inferir que a chamada plataformização do trabalho (GROHMANN, 2020) é uma característica marcante do trabalho remoto realizado por profissionais da comunicação no Ceará, uma vez que a utilização dessas plataformas, bem como a aceitação de suas lógicas, é priorizada em detrimento de outras possibilidades de organização do trabalho, como a utilização de softwares próprios ou aplicações de código aberto ou alternativas. Observa-se assim a construção de redações virtuais (MARQUES, MOLIANI, KINOSHITA, 2018) por meio de aplicativos de troca de mensagens, onde a organização do trabalho passa a acontecer em substituição a encontros presenciais.

Como você está se sentindo em relação ao ritmo de trabalho comparativamente em relação ao período antes da pandemia?

O sentimento predominante dentre os respondentes em relação ao ritmo de trabalho na pandemia é de que está mais pesado. Para 18 respondentes (47,4%), o ritmo está um pouco mais pesado, enquanto para 14 (36,8%) o ritmo é muito mais pesado. As respostas revelam, portanto, que os comunicadores estão trabalhando de forma mais intensa ou que houve uma intensificação do trabalho (ANTUNES, 1999; 2018).

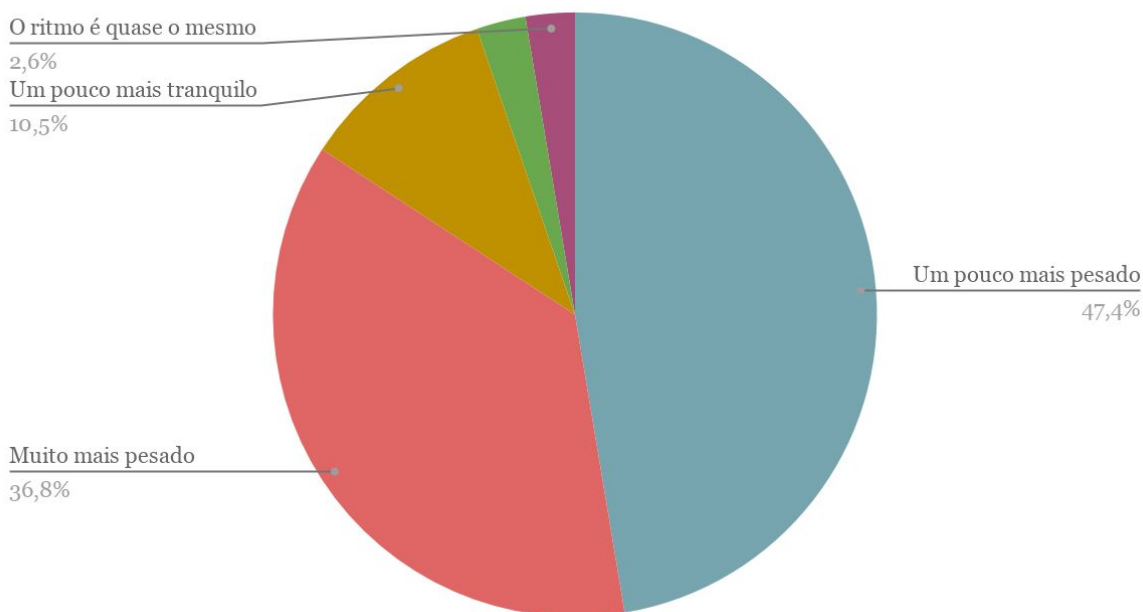
QUADRO 15

Sentimento em relação ao ritmo de trabalho na pandemia em comparação ao período anterior	Quantidade
Um pouco mais pesado	18
Muito mais pesado	14
Um pouco mais tranquilo	4
Muito mais tranquilo	1
Uma coisa compensa a outra, então, no final das contas o ritmo é quase o mesmo	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 14

Sentimento em relação ao ritmo de trabalho na pandemia



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações

- Os dados nacionais revelam perfil semelhante, com prevalência da percepção, entre os respondentes, de que o ritmo de trabalho está um pouco mais pesado ou muito mais pesado - 390 registros (70,02%) de 557 fazem uma dessas duas declarações a esse respeito.

Carga horária de trabalho durante a pandemia

A jornada de trabalho da maioria dos participantes da pesquisa sofreu alterações. Vinte participantes (equivalente a 54,1% da amostra de cearenses) afirmaram que suas jornadas sofreram alterações. Vale mencionar que a maioria dos participantes, cerca de 37%, cumpriam uma carga horária de 40 horas/semanais antes da pandemia. A mudança na carga horária de trabalho dos comunicadores também foi uma tendência observada na pesquisa nacional, com 56,5% dos respondentes confirmando que houve alteração nos tempos de trabalho. Quando a alteração dessa jornada se dá pelo aumento das horas de trabalho, temos o reforço do fenômeno da densificação da jornada de trabalho, característico da fase flexível de acumulação do capital (ANTUNES, 1999).

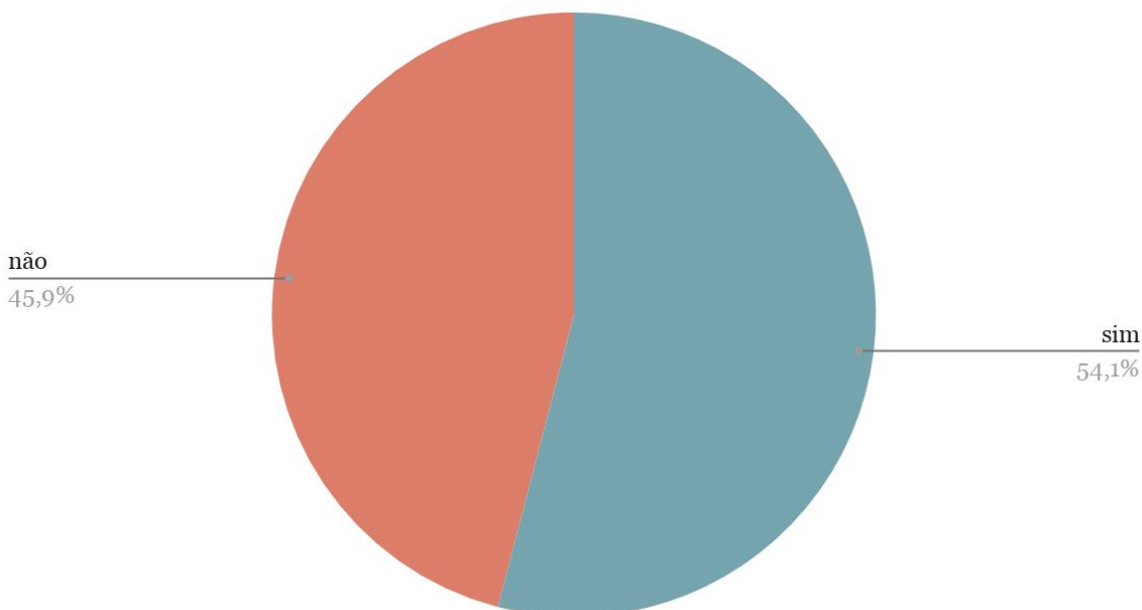
QUADRO 16

Mudança na jornada de trabalho dos participantes	Quantidade
sim	20
não	17
não respondeu	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 15

Mudança na jornada de trabalho durante a pandemia



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Entre os 20 participantes que afirmaram ter havido mudança na jornada de trabalho, 14 deles tiveram aumento na carga horária diária; três tiveram redução de carga horária diária de trabalho e três não souberam dimensionar objetivamente o aumento ou diminuição da carga horária diária de trabalho.
2. A variação de horas de aumento da jornada de trabalho dos participantes foi de 1 a 6 horas diárias de trabalho.
3. Na pesquisa nacional também prevaleceu o aumento da jornada de trabalho dos participantes, com uma variação de 1 a 11 horas de acréscimo de trabalho diariamente.

Você acha que a empresa/organização que você trabalha tomou medidas suficientes para a prevenção da Covid-19?

A maioria dos respondentes (25, ou 65,79%) declarou, em resposta a essa questão, que sim, as empresas tomaram medidas suficientes. Outros 15,79% (seis respondentes), por outro lado, responderam que não.

As outras sete respostas a essa questão trazem algum detalhamento argumentativo adicional. Chamam a atenção três delas, que apresentam ressalvas à ação das empresas, ao descrever o que consideram “demora em agir” (respondente 116) ou ainda a constatação de que as medidas preventivas vieram “após muitas cobranças” (respondente 370) ou em decorrência de um “afinamento de decisões” (respondente 134).

Essas respostas, embora minoritárias no recorte amostral, permitem vislumbrar a existência de formas de organização coletiva que parecem emergir como resposta à instabilidade ou à excepcionalidade do contexto de exercício da atividade profissional. A ação coletiva teve o condão de influenciar, em alguma medida, os processos decisórios formulados em instâncias superiores e assim garantir condições mais salubres de trabalho.

As situações descritas nessas respostas sugerem alguma margem para negociação com as instituições mesmo em contexto desfavorável, em razão das medidas de adequação às normas de distanciamento pessoal e funcionamento restrito. Não é mencionada a mediação de atores externos nesses pleitos, como sindicato ou o sistema de justiça. Os três relatos são de repórteres, o que permite caracterizar as situações como oriundas de reivindicações dentro de redações jornalísticas.

Nesses relatos, também é vocalizada a insuficiência das medidas preventivas, por exemplo, quando se afirma que “o número de pessoas da redação mesmo com o rodízio, ainda é alto e poderia ser menor” (respondente 370). Esse depoimento indica que a margem de negociação ou acordo com a empresa é limitada e demonstra a vulnerabilidade dos trabalhadores nesse tipo de situação.

Em consequência, as medidas preventivas levadas a termo geram receios como a contaminação em decorrência da exposição continuada ao vírus - resposta dada pelo mesmo participante à questão sobre o principal medo durante a pandemia.

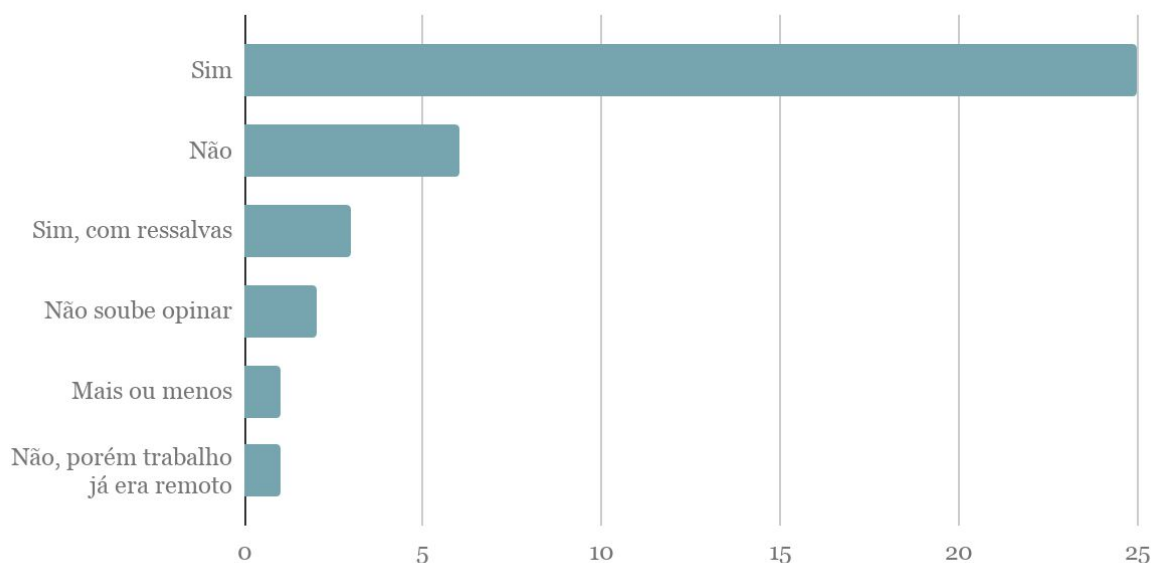
QUADRO 17

Você acha que a empresa/organização que você trabalha tomou medidas suficientes para a prevenção da Covid-19?	Quantidade
Sim	25
Não	6
Sim, com ressalvas (demora e/ou pressão dos trabalhadores)	3
Não soube opinar/resposta não conclusiva	2
Mais ou menos	1
Não, porém trabalho já era remoto e mudanças não foram tão necessárias	1

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 16

Você acha que a empresa/organização tomou medidas suficientes para a prevenção da Covid-19?



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Considerados os dados nacionais da pesquisa, constata-se a prevalência da resposta “sim” para essa pergunta, com 447 dos 557 registros (80,25%). A resposta “não” foi dada por 60 participantes (10,77%); a maioria do restante das respostas (cerca de 9% do total) apresentam ressalvas às iniciativas das empresas/organizações, como demora ou insuficiência na adoção de medidas preventivas.

O que causa medo nos participantes durante a pandemia

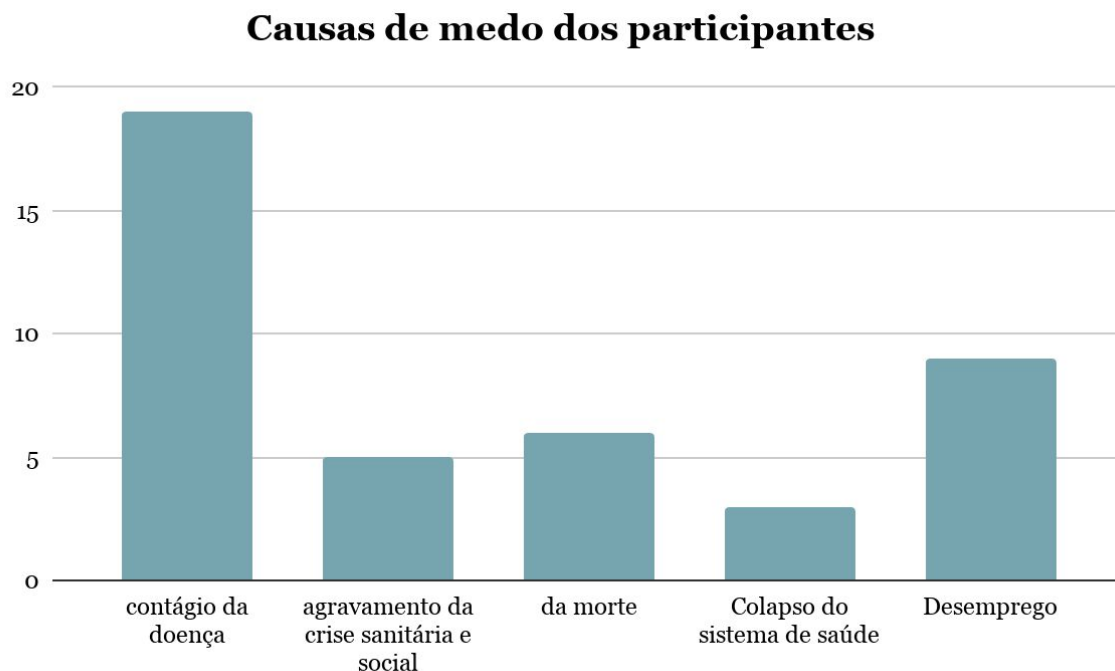
A principal causa de temor entre os comunicadores cearenses durante a pandemia é o contágio pelo novo coronavírus. Essa causa de medo foi citada por 50% dos participantes. O mesmo aconteceu em nível nacional, em que 41,5% dos respondentes declarou ter medo do contágio pelo coronavírus. A segunda maior causa de medo entre os comunicadores a nível nacional também se repetiu na amostra local. O desemprego ocupou esse lugar, com 9 ocorrências na amostra cearense e 115 no levantamento nacional.

QUADRO 18

Causas de medo entre os participantes durante a pandemia	Quantidade
Contágio da doença	19
Desemprego	9
Morte	6
Agravamento da crise sanitária e social	5
Colapso do sistema de saúde	3

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 17



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Observações:

1. Além das cinco causas mais citadas, os participantes cearenses mencionaram ainda os medos de ter o salário reduzido, do agravamento da crise política e da perda de clientes.
2. Em relação ao contágio da doença e à morte, os participantes referem-se não só a eles próprios se contagiarem ou morrerem, mas também à possibilidade de familiares e amigos se contagiarem, ficarem doentes ou morrerem.

O que mudou na rotina dos participantes em razão da pandemia

As principais mudanças no trabalho apontadas pelos participantes localizados no Ceará foram decorrentes da adoção do trabalho remoto, em *home office*, cuja prática mobiliza novos modos de organização das atividades; novos fluxos de comunicação e coordenação de horários entre as equipes de trabalho.

Passada a primeira semana, começamos a fazer videoconferências periódicas, focamos muito no planejamento diário e estabelecemos um horário comum para todos responderem às demandas, de modo que quem morasse sozinho pudesse fazer o almoço antes do início do trabalho, por exemplo, e de maneira que não ficassemos sendo acionados uns pelos outros nos momentos livres. Eu acabo passando muito desse horário estipulado, mas ele ajuda. Passamos, também, a utilizar mais o grupo do whatsapp e os documentos compartilhados

com mais frequência e temos tentado estabelecer um fluxo de trabalho que envolva mais comunicação e compreensão mútua (PARTICIPANTE 338)

A fala da participante 338 revela as novas prescrições (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008) criadas por ela e pela equipe para a gestão do trabalho remoto. A necessidade de instituir novas regras e modos de ação para a realização do teletrabalho se deve porque ele está sendo adotado pela primeira vez de modo sistemático por muitos profissionais cearenses, os quais estão se deparando com uma variedade de situações e problemas de trabalho inéditos que precisam, muitas vezes, ser solucionados exclusivamente pelo trabalhador, cujo afastamento do local de trabalho o impede de contar com o apoio dos colegas.

O maior impacto negativo é, certamente, a questão dos suportes e da estrutura para a realização do trabalho. A princípio, tenho todo o aparato (notebook, mouse, conexão à web, energia elétrica e softwares de edição de imagem e vídeo) necessário para o trabalho, mas, em razão da não direcionalidade destes para essa função, eles não funcionam como deveriam. O computador trava bastante, a ponto de eu não conseguir fluidez e agilidade no meu fluxo de atividades, o que me estressa mais do que o convencional. Isso se dá principalmente por causa do Adobe Photoshop, já que a maioria das postagens o utiliza diretamente para a confecção de peças de imagem para as postagens. Em segundo plano, há a conexão à internet, que, no meu bairro, é bastante problemática. É comum a conexão cair e/ou oscilar em dias chuvosos, o que também perturba o fluxo, uma vez que monitoro as matérias e vídeos que saem nos veículos. Se for o caso de realizar upload de vídeos, uma tarefa diária, a duração do processo também perdura mais do que o convencional – minha velocidade de acesso é voltada ao uso doméstico. (PARTICIPANTE 534).

O participante 534 revela as dificuldades técnicas que se intensificam em razão do distanciamento do ambiente organizacional para a realização do trabalho. A posse dos meios técnicos não implica diretamente na garantia de condições ideais para a realização do trabalho, pois há tarefas que requerem mais do que conexão de internet doméstica e computadores com configurações simples. A ausência do banco de imagens e de áudio da organização de mídia também foi relatada como uma das dificuldades impostas pelo trabalho em casa. Pelo menos, é o que o enfrenta o participante 307, o qual precisa produzir de sua residência programas musicais, de entrevistas e em vídeo para plataformas de streaming. Aliás, a mediação do trabalho via aplicativos e plataformas se tornou uma realidade durante o teletrabalho.

Apesar da disponibilidade de espaços digitais para a comunicação entre os trabalhadores, essa ainda é difícil de ser arregimentada, principalmente com colegas de outros setores da empresa cujo trabalho é necessário para a finalização das atividades dos comunicadores. Outra dificuldade apontada por alguns respondentes se relaciona ainda com a confusão entre o tempo de trabalho e o tempo de descanso com a fusão entre trabalho e vida doméstica no *home office*.

“Foi instituído regime de teletrabalho, o que significa trabalho fora de hora e em dias que não deveriam ocorrer. aos domingos, por exemplo. e, até o momento, não se fala em pagamento de hora extra nem de auxílio por consumo de energia e internet.” (PARTICIPANTE 121). Para este comunicador, o trabalho está invadindo outros tempos sociais de sua vida, causando-lhe desgaste físico, emocional e até mesmo financeiro, pois como bem lembrado por ele e pelo participante 447, o aumento dos gastos decorrentes do trabalho em casa parecem não ser rateados com a organização.

Por outro lado, há quem identifique economia de gastos com lanches e transporte dada a ausência de deslocamento para a empresa. O tempo também se valoriza para esses respondentes que veem como vantagem não ter que sair de casa, enquanto para outros ele se esvai de forma muito rápida com o aumento da carga horária de trabalho ou a intensificação das atividades realizadas durante a jornada de trabalho.

Para profissionais solteiros e sem filhos, o home office trouxe benefícios para a organização da rotina doméstica com melhora do sono e da alimentação. Em outros casos, ele se confunde de tal modo com as atividades domésticas provocando sensação de sobrecarga, de cansaço dos trabalhadores. Aliado a isso, há ainda o cansaço decorrente da vigilância do trabalho por parte dos chefes.

“O fato de não sermos observados no serviço intensificou as cobranças e os pedidos de relatórios que dão conta de nossa ‘produtividade’, quantitativamente falando. Em muitos dias, faz-se também necessário o cumprimento de horas-extras de serviço para dar conta da demanda.” (PARTICIPANTE 539).

Novas prescrições surgem assim para controlar o trabalho à distância e garantir a produtividade às custas, algumas vezes, da intensificação do trabalho.

As mudanças na rotina das mulheres comunicadoras

O teletrabalho, historicamente, tem um significado diferente para as mulheres, pois ele faz coincidir no mesmo espaço - a casa - o trabalho remunerado com o trabalho não remunerado ou trabalho doméstico, que culturalmente é relegado para a execução feminina (FRASER, 2019). Na pandemia, quando as famílias abrem mão do trabalho de diaristas e domésticas para evitar o contágio pelo coronavírus, o trabalho doméstico passa a ser mais uma ocupação, sobretudo, para as mulheres que, muitas vezes, se ocupam também com o cuidado e ensino dos filhos e cuidados de pais e familiares. Esse cenário repercute na realização do trabalho remunerado de algumas comunicadoras, sobretudo, daquelas casadas ou em união estável e que são mães.

Entre as participantes cearenses da pesquisa, cinco delas mencionaram as dificuldades relativas à dupla jornada de trabalho que realizam em casa. A participante 338, além dos trabalhos como jornalista e de cuidados com o lar e com a família, acumula ainda o trabalho de pesquisadora, assumindo assim uma tripla jornada de trabalho.

“No caso das mulheres, temos de dar conta da casa, do almoço, da filha, da mãe idosa, das angústias pessoais e de cada um ao nosso redor, dos estudos (os prazos pra defesas continuam os mesmos, outro absurdo) e, AINDA, do trabalho. Isso no caso de quem não foi atingido pela doença” (PARTICIPANTE 338).

Além das novas formas de organização do trabalho, o *home office* requereu de mulheres mães outras formas de adequação, como as citadas pela participante 112: “Precisei trabalhar de casa e, conseqüentemente, mudar programação com meu filho, horários, adequar espaço de trabalho, tornando a rotina mais exaustiva” (PARTICIPANTE 112). A exaustão citada no depoimento advém da combinação de responsabilidades domésticas com a intensificação do trabalho remunerado.

Conciliar esses dois papéis sociais é “desafiador”, nas palavras da participante 118, a qual precisa cuidar dos filhos e ser jornalista, assim como a participante 552, que além de escrever colunas e editar textos, precisa ainda cuidar do filho e dos pais. “Tenho aplicado o isolamento social desde o dia 12 de março, só saindo em casos extremos como comprar comida no supermercado ou ir à farmácia ou para fazer compra para os meus pais que já têm mais de 60 anos.” (PARTICIPANTE 552)

Os depoimentos ilustram particularidades relativas ao gênero feminino no mundo do trabalho reiteradas historicamente pela divisão sexual do trabalho, que atribui ao feminino o trabalho doméstico e o trabalho de cuidados não-remunerados no ambiente familiar (FRASER, 2019). Essas atribuições sobrecarregam mulheres que também realizam trabalhos remunerados e se tornam um fator de opressão do gênero dentro do próprio lar.

Os depoimentos de mulheres aqui destacados mostram exatamente como uma solução segura em relação ao contágio da doença, a adoção do *home office*, amplia ou intensifica uma condição opressora ainda vivenciada pelas mulheres no mundo do trabalho como consequência do machismo estrutural.

Se o trabalho dos comunicadores é essencial durante a pandemia

Ao serem indagados sobre o caráter essencial do trabalho que realizam, 92% dos respondentes, 35 deles, consideraram a profissão ou a atividade que realizam essencial no momento da pandemia. As justificativas predominantes giram em torno da função social do jornalismo enquanto um serviço público (TRAQUINA, 2005).

Sim. O jornalismo é essencial neste período de pandemia porque ele ajuda a população, funcionando não só como mediador da informação, mas um amplificador desta a ponto de conseguir, suficientemente, explicar o que precisa ser feito durante a pandemia, os cuidados, os dados oficiais e as indicações das autoridades sanitárias. Além disso, o jornalismo cobra do poder público ações efetivas no combate ao vírus e questiona informações ou dados que estejam potencialmente errados. A função jornalística, inclusive, passou a ser mais fundamental ainda

quando se leva em consideração a disputa de narrativas travada, dentro do próprio Governo Federal, entre o presidente da República e o Ministério da Saúde; entre níveis diferentes, entre o presidente da República e os estados e municípios; e entre funções distintas, entre o presidente da República e as autoridades sanitárias do mundo. Na minha concepção, nunca a mediação jornalística foi tão importante para salvar diversas vidas (PARTICIPANTE 494).

O depoimento acima além de remeter diretamente ao papel social do jornalismo que está no cerne deontológico da profissão, ainda aponta para outra função comumente atribuída ao fazer jornalístico: a de fiscalização, de observação de Estados e governos (TRAQUINA, 2005) e de seus feitos. Essa incumbência aparece como essencial para o participante 9 no contexto histórico presente em razão da pandemia e dos embates políticos entre as instâncias do poder executivo mobilizados exatamente pelas divergências relativas à formas de contenção da crise sanitária.

Além disso, houve quem destacasse a importância do jornalismo em razão do espalhamento de formas de desinformação. Como o participante 279, que destaca a confiança e credibilidade do jornalismo no complexo cenário comunicacional contemporâneo.

“Sim. Porque hoje todos têm voz na internet, no entanto, essa multiplicidade de informações nem sempre é segura ou confiável. É preciso que instituições que tenham credibilidade, principalmente em educação e saúde, se posicionem com informações legítimas para contribuir com a disseminação de informações seguras e relevantes em meio a tanta fake news e teorias de conspiração”. (PARTICIPANTE 279).

Dessa forma, a essencialidade do trabalho dos comunicadores, sejam eles jornalistas, professores e assessores assenta-se em uma autoridade para comunicar socialmente atribuída aos profissionais da área nas sociedades democráticas, reforçada pelos próprios comunicadores na crise desencadeada pela pandemia do coronavírus.

Já aqueles que não consideram seus trabalhos essenciais (apenas três respondentes) detêm-se às particularidades das atividades que realizam (lecionar; coordenar equipes e assessorar clientes) e não ao estatuto social ou missão social da profissão que performam.

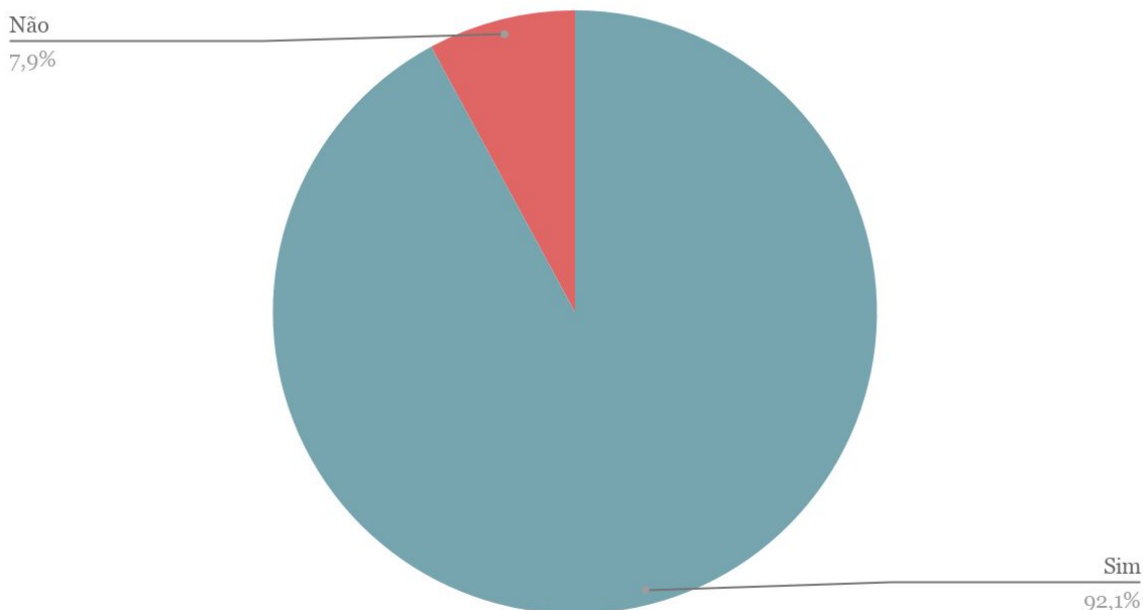
QUADRO 19

Você considera seu trabalho essencial?	Quantidade
Sim	35
Não	3

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

GRÁFICO 18

Você considera seu trabalho essencial?



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

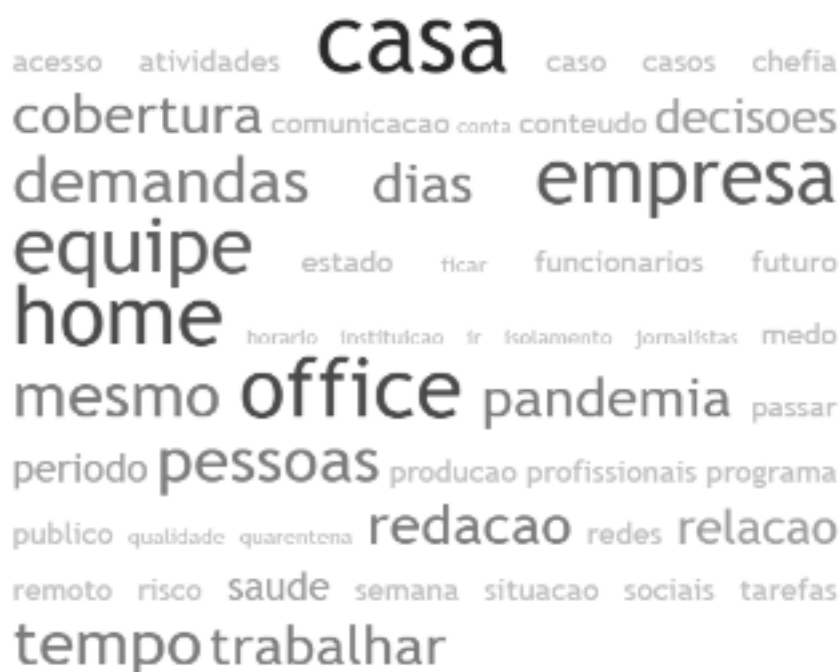
Relatos sobre a experiência de trabalho em comunicação durante a pandemia da Covid-19

Foi solicitado aos participantes, ao final do questionário, que comentassem aspectos como as decisões tomadas pelas organizações nesse período, as decisões tomadas pelos próprios respondentes, angústias e expectativas. Nesse conjunto de respostas, aparecem relatos heterogêneos em forma, tematização e tom, abrangendo desde comentários sobre as rotinas de trabalho até depoimentos de cunho mais pessoal, expondo vulnerabilidades e preocupações com a integridade física e mental dos próprios respondentes e de outras pessoas.

A seguir, é possível visualizar uma nuvem de palavras, construída por meio da aplicação online TagCrowd¹, em que figuram as 50 palavras mais recorrentes nestes relatos. O tamanho da palavra na visualização corresponde à sua frequência de utilização, sendo as maiores as mais utilizadas. Nota-se que o campo semântico das rotinas e relações de trabalho sobressai nessa filtragem, com o uso de termos como “empresa”, “equipe”, “cobertura”, “home office”, “demandas” e “redação”. Também são recorrentes termos como “casa”, que podem referir tanto ao ambiente doméstico como espaço de proteção ou como local de trabalho imposto pelas circunstâncias e determinações das empresas e instituições.

¹ Gratuita e disponível no endereço <https://tagcrowd.com/>.

GRÁFICO 19



Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

Esse espaço de relatos revelou-se útil para que críticas, angústias e incertezas fossem expostas de maneira mais articulada ou detalhada. O conjunto dos relatos contribui com a percepção de que o trabalho em home office é ambivalente, ou seja, ao mesmo tempo em que permite organizar turnos e rotinas das jornadas de trabalho, também afrouxa limites relativos ao cumprimento de horários estritos de expediente, ocasionando sobrecarga de tarefas, exaustão e outros efeitos adversos.

Não é incomum o medo das demissões, expresso por alguns respondentes também neste conjunto de relatos, além da pergunta específica sobre os medos desencadeados pela pandemia. Aqui, subjaz a compreensão de que o vínculo formal e contínuo de trabalho seria aquele garantidor de maior segurança para o profissional, em detrimento de arranjos provisórios e/ou desprovidos de amparo no tocante a questões trabalhistas - esses tem se tornado bastante comuns no horizonte dos profissionais de comunicação (SILVA, 2014; FÍGARO, NONATO e GROHMANN, 2013).

Também é percebida nesses relatos a preocupação com a saúde física e mental dos trabalhadores da área da comunicação, exemplificada em depoimentos de participantes que declaram ter sofrido forte impacto emocional pelo isolamento ou que necessitaram se afastar do trabalho em razão das pressões sofridas.

Foram escolhidos, de forma randômica, 10 relatos (ou 26,32% de todos os depoimentos) para uma análise mais detida, do tipo interpretativa, em que se buscou comentar convergências e também desacordos entre os depoimentos, buscando, quando possível, inseri-los em molduras de entendimento mais amplas, sobretudo em face de balizas conceituais pertinentes. No quadro a seguir, apresentamos os 10 depoimentos

selecionados. Foram editados apenas elementos que permitissem identificação dos participantes.

QUADRO 20

<p>Participante 98 Acredito que nós profissionais de mídia temos que continuar nos informando, acompanhando os relatos oficiais, perceber a situação mental das pessoas que nos cercam, acompanhar o que as redes sociais vêm dizendo em sentido geral e nos manter inteligentes e espertos para não cair em nenhum tipo de fake News.</p>
<p>Participante 102 Estou de quarentena desde 13 de março. Creio que a Instituição tem tomado os devidos cuidados. Espero que possamos voltar. Fazendo tudo pela internet, porém os jovens, nosso público, nem todos tem o recurso, o que dificulta chegar até ele as produções ou sugestões de aula.</p>
<p>Participante 122 A instituição demorou a tomar decisões, o que estressa o aluno e o professor. Pessoalmente, não saio de casa e evito pensar em longo prazo.</p>
<p>Participante 134 No Ceará, os primeiros casos foram divulgados na noite do dia 15/03. No dia 16, por iniciativa própria optei por não ir ao trabalho e fazer minhas demandas de casa. Nos dias 17 e 18, tive que ir à redação por conta de demandas que só seriam realizáveis lá e, nesses dias, a empresa ainda estava procurando saber como lidaria com o trabalho. Não havia, nesses dias, previsão de home office, por exemplo. Os estagiários estavam trabalhando normalmente, também. Na quinta, 19, foi feriado no Estado e estive de plantão. De novo, avisei aos meus chefes diretos que ficaria em casa. A partir do dia 20, mudei para a editoria de política e a própria empresa mudou seus procedimentos. Todos foram liberados para home office e o jornal providenciou acesso remoto ao sistema. No entanto, trabalho com meus próprios equipamentos. Sigo receoso de ser mandado em pautas externas. Já houve essa indicação duas vezes, mas por conta de sintomas que tive - não sei de quê, e creio que nunca saberei -, não pude sair.</p>
<p>Participante 193 Estou sendo mais cobradas nos períodos que não deveria estar on-line, além de estar sendo exigida mais produção de cards e conteúdo para suprir a falta de atividades presenciais</p>
<p>Participante 279 A Universidade foi uma das primeiras a admitir o home office e a interrupção das atividades presenciais no Estado. Estou me sentindo segura, agora, com o home office e organização para a continuidade do isolamento social, mas o primeiro momento foi de incertezas, não só minha, mas da equipe que coordeno, em relação à continuidade do contrato de trabalho.</p>

Participante 338

Já falei bastante no tópico sobre a rotina, mas vou complementar aqui. Em termos de experiência de trabalho remoto, pessoalmente, tenho achado interessante e confortável o fato de estar em casa e poder gerir melhor meu tempo. Nunca tinha vivido a experiência de trabalho home office, então, tem sido interessante perceber que eu talvez pudesse me adaptar bem. Ainda assim, talvez por causa da confusão geral causada pela pandemia, o volume de demandas tem sido muito acima do saudável e mesmo do necessário.

Eu não trabalho na assessoria de um órgão de saúde, justificadamente mais demandado. (...) Isto é, embora haja uma expectativa geral de produção de conteúdo -- afinal, nunca se passou tanto tempo nas redes sociais quanto neste momento em que as conexões só podem ser virtuais --, por que o desespero, a urgência, o temor de que ""desapareçamos"" das redes?

A impressão que tenho é de que, como estamos em casa e online, parece que estamos sempre disponíveis. Há uma lógica implícita de produtividade que se impõe mais do que antes. Os chefes, e falo também pelos relatos que ouvi de outros amigos assessores de imprensa, acreditam que estamos de pernas pro ar, assistindo Netflix e recebendo salário. E, na verdade, é o contrário. Nunca trabalhamos tanto quanto agora. No caso das mulheres, temos de dar conta da casa, do almoço, da filha, da mãe idosa, das angústias pessoais e de cada um ao nosso redor, dos estudos (os prazos pra defesas continuam os mesmos, outro absurdo) e, AINDA, do trabalho. Isso no caso de quem não foi atingido pela doença. Os patrões argumentam que não estamos de férias, ficam lembrando isso nos grupos e colocando que precisamos produzir para justificar nossos pagamentos, mas parece que o que eles querem mesmo é que estejamos de plantão. E não vão pagar hora extra, é claro.

Se por um lado a decisão da empresa de colocar os funcionários para trabalhar de casa a partir do dia 18 de março foi acertada, a ideia de que o setor de comunicação precisa manter as coisas funcionando com certo ar de normalidade, produzindo mais e mais conteúdo, me parece incoerente. Há uma sensibilidade inicial em relação aos trabalhadores, mas que não se sustenta diante da lógica de produtividade.

Na sexta-feira da primeira semana de home office, trabalhei chorando, sozinha, parecia que não tinha com quem contar. Depois, fui percebendo que eu tinha uma equipe e que essa pressão podia ser menor se eu dividisse com eles o peso dessas cobranças, então passei a contar e confiar mais em cada um; percebi que precisava ter horário pra começar e terminar o trabalho, respeitar o momento das refeições e que era preciso incluir algum lazer.

A angústia que me acompanha desde o começo é se, apesar de todo esse esforço, eu ou alguém de minha equipe seremos penalizados com demissão.

Participante 531

Houve várias tentativas de garantir administrativamente que os trabalhadores tivessem a saúde resguardada e recebessem máscaras e álcool gel no casos em que as funções precisam continuar sendo exercidas presencialmente. Tenho buscado diariamente novos conteúdos, mas sinto que ainda estamos todos nós adaptando.

Participante 553

O "bom" dessa situação de quarentena, que estamos vivenciando, é poder fazer o "nosso" horário de trabalho. O que significa ter pontos positivos (liberdade e comodidade) e negativos (não perceber que o horário de trabalho deveria já ter acabado e passar do horário - logo, trabalhar um pouco mais). Têm dias que eu fico MUITO focada nas matérias (...) que extrapolo horários, fico muito tempo sentada, daí logo vem as dores no pescoço e nos dedos de tanto digitar. Acabo fazendo isso também para evitar ficar "afundada" em problemas pessoais e conflitos familiares, dado que a convivência com os familiares aumentou. Então, o trabalho acaba sendo uma válvula de escape para essa situação e poder ocupar a mente durante a pandemia - para controlar a ansiedade, os medos e as inseguranças. Mas ficar trabalho além do necessário pode acabar prejudicando minha saúde e qualidade de vida durante a quarentena também. É uma questão importante a se refletir!

Participante 557

Trabalho em casa. O ritmo é praticamente o mesmo, apesar de que às vezes os chefes esquecem de olhar para o relógio ou para o calendário na hora de se comunicar. No mais, tudo bem.

Fonte: Pesquisa CPCT-ECA-USP/Como trabalham os Comunicadores na pandemia da Covid-19?

O ambiente externo é descrito como ameaçador neste momento por alguns dos respondentes. O participante 134, profissional de redação, expressa o temor de ser mandado para pautas externas. Esse informante relata ter sido demandado para apurar *in loco* em duas oportunidades, mas não chegou a sair por apresentar sintomas semelhantes aos da Covid-19.

Essa percepção de que as pautas externas à redação representam risco à saúde evoca uma ritualística, em tese emergencial e provisória, para o exercício da profissão, que pelos relatos consiste em medidas preventivas para evitar contágio, entre elas a adoção de home office e a redução de atividades realizadas em ambiente externo. Desse modo, parece prevalecer a preservação da integridade dos repórteres, que em condições tidas como normais são os protótipos para o entendimento da cultura profissional jornalística.

A esse respeito, Travancas (2011), ao comentar seus métodos para compreender o que caracteriza *sine qua non* o jornalismo, justifica ter escolhido os repórteres para observação.

Optei por acompanhar repórteres, e não outro profissional da categoria, como editores ou redatores, porque creio que a atividade do repórter é paradigmática para a carreira. Ela reúne diversas ocupações de jornalismo. **O repórter vai para a rua apurar a notícia e volta à redação**

para escrevê-la. Para o grande público e o senso comum, é a imagem do repórter que define o jornalista. (TRAVANCAS, 2011, p.44. Grifo nosso)

Assim, a função de repórter tem sido cumprida, conforme alguns dos relatos aqui analisados, de maneiras que escapam ao paradigma do perfil profissional do jornalista. Contudo, diversos depoimentos da pesquisa sinalizam para a necessidade do cumprimento das medidas já aludidas, e adotam tom crítico ao mencionar a morosidade das empresas e instituições em, justamente, afastar os profissionais da rua e garantir condições sanitárias para o exercício das funções. Esses depoimentos colocam em segundo plano, pelo menos nesse momento, as expectativas do senso comum em relação à postura dos profissionais jornalistas, sobretudo aquelas que associam essa atividade com a obtenção de informação *in loco*.

A vigilância em relação às *fake news* é mencionada pelo respondente 98, que pondera serem necessárias “inteligência” e “esperteza” para enfrentá-las. Apesar dessa vigilância impetrada pelo jornalismo ter sido apontada, em outro conjunto de respostas, como justificativa para a condição de atividade essencial da profissão durante a pandemia, nos demais depoimentos selecionados para a análise interpretativa individualizada, ela não figurou como uma preocupação, o que parece ratificar, mais uma vez, que o senso de prioridade dos profissionais se volta para as questões ocupacionais e de saúde.

O respondente 102 ressalta que a instituição na qual trabalha tem tomado as devidas precauções para a prevenção da Covid-19 entre seus colaboradores. Opinião partilhada também pelo respondente 279, que se sente seguro com o trabalho remoto. Contudo, esse mesmo respondente, logo no início da pandemia, se sentiu temeroso de que os contratos de trabalho fossem cancelados.

Por sua vez, o respondente 122, professor, declarou incômodo pelo fato de que sua instituição contratante “demorou a tomar decisões, o que estressa o aluno e o professor”. Ele manifesta o desejo de que as atividades possam voltar a ocorrer, ainda que sejam pela internet. Esse respondente teme pela impossibilidade de se chegar a todos os estudantes em razão da indisponibilidade de conexão para todos.

Para os comunicadores que estão aparentemente seguros, trabalhando de forma remota, os desafios são outros. Não sucumbir às jornadas estendidas de trabalho ou ao acúmulo de tarefas é um deles, o qual parece ser uma preocupação central para o respondente 98, que ressalta a necessidade de que os profissionais sigam obtendo informação e acompanhando os relatos oficiais. Esse respondente trabalha como professor na área de comunicação.

Contudo, boa parte dos profissionais participantes da pesquisa declaram que o trabalho se tornou “um pouco mais pesado” ou “mais pesado”. Relatos como o da participante 193, atuante em assessoria de comunicação, atentam para a pulverização das tarefas em diferentes momentos do dia, inclusive em “períodos que não deveria estar on-line”, o que ocorre como forma de compensação pela ausência de atividades presenciais, no caso dessa participante.

Essa respondente cita a “produção de *cards*” como uma das tarefas que se tornou prioritária e pela qual é mais exigida. Como já sugerido em momento anterior deste relatório, as plataformas de comunicação afirmam sua onipresença tanto na organização das rotinas de trabalho (o exemplo mais recorrente nos dados desta pesquisa é a utilização do trinômio WhatsApp, Trello e e-mail para essa ordenação), quanto como atividade-fim dos profissionais - ou seja, os conteúdos produzidos têm o formato e a observância às limitações dessas plataformas (BELL et al., 2017).

No depoimento da respondente 193, o *card*, isto é, uma peça com informações visuais e textuais destinada a publicação em plataformas como Instagram, entre outras, é mencionado como produto prioritário a ser planejado e executado, o que enfatiza, mais uma vez, a dominância de um tipo de trabalho plataformizado, não exclusivo das redações, mas extensivo às assessorias de comunicação e imprensa, como este depoimento permite entrever. Também sugere novas prescrições para a realização do trabalho, como a conceituação e gestão diferenciadas do tempo livre, aludidas pela respondente.

Ainda no trabalho em assessoria de comunicação, a participante 338, assessora de comunicação em uma instituição pública, considera estar havendo uma cobrança demasiada por produtividade das chefias nas instituições. Ela destaca que o trabalho remoto veio acompanhado de um pensamento dos gestores de que os trabalhadores precisam estar sempre disponíveis. “Os patrões argumentam que não estamos de férias, ficam lembrando isso nos grupos e colocando que precisamos produzir para justificar nossos pagamentos, mas parece que o que eles querem mesmo é que estejamos de plantão. E não vão pagar hora extra, é claro” (PARTICIPANTE 338).

A cobrança e o aumento da demanda de trabalho como compensação pela flexibilização dos instrumentos de vigilância dos trabalhadores na situação presencial mostram que mesmo em instituições públicas, onde prevalece o trabalho improdutivo (ANTUNES, 1999), há a adoção de modelos de gestão do trabalho equivalentes aos praticados na iniciativa privada, notadamente caracterizada pela prevalência do trabalho produtivo, do trabalho que deve gerar lucro. Além disso, a cobrança de que os trabalhadores estejam sempre disponíveis, sempre online, dialoga com os artifícios do capitalismo 24/7 (CRARY, 2017), uma faceta do capital que se vale das tecnologias para vigiar trabalhadores e consumidores e deixá-los sempre em estado de alerta (24 horas por dia, sete dias na semana) para trabalhar ou consumir. Essa condição é desgastante física e emocionalmente para a participante 338 e, na perspectiva dela, não é garantia de manutenção dos empregos da equipe.

A adaptação às novas condições de trabalho no contexto da pandemia é destacada pela participante 531, a qual considera que todos os comunicadores estão se adequando às mudanças implementadas de modo emergencial. A participante 553 vivencia a adaptação no sentido de equilibrar o tempo de trabalho com o tempo de descanso. Apesar de considerar positiva a liberdade e autonomia do trabalho remoto, ao mesmo tempo, ela destaca que a imersão nas atividades de trabalho já lhe trouxeram dores

físicas. Nesse caso, é o corpo quem estabelece os limites da gestão de si no trabalho, a qual, para a participante 531 é uma válvula de escape para os problemas de convivência na família desencadeados pelo confinamento. Ou seja, a entrada do trabalho produtivo no ambiente doméstico desencadeia novas contradições para os trabalhadores e interfere em sua rotina de vida.

As dramáticas que emergem da invasão da vida doméstica pelo trabalho foram recorrentes em alguns relatos dos comunicadores. Mas há aqueles que parecem estar lidando de modo tranquilo com essa nova situação. É o que se percebe no depoimento da participante 557, a qual não experimentou a intensificação do trabalho durante o período da pandemia. Apesar de também ter que lidar com demandas de trabalho solicitadas fora do horário de expediente, ela não parece se irritar ou incomodar com essa circunstância, finalizando sua fala com um tranquilo “no mais, tudo bem”. Condição essa minoritária na amostra da pesquisa, afinal, os medos relativos à pandemia e ao mundo do trabalho, assim como as mudanças na rotina em decorrência do *home office* levam os participantes mais a um estado contínuo de preocupações do que a uma condição de tranquilidade.

O excesso de preocupações pode ser um fator de adoecimento para os comunicadores. O respondente 98 sinaliza preocupação acerca da saúde mental dos profissionais de comunicação, enquanto o participante 122 remete indiretamente ao tema, ao afirmar que evita “pensar a longo prazo”. Ambos são professores.

Apesar da diversidade de ponderações dos depoimentos destacados, todos eles versam sobre mudanças nas rotinas de trabalho desencadeadas pelas medidas preventivas em relação à pandemia da Covid-19. As alterações implicaram em pequenos impactos para uma minoria dos comunicadores, enquanto a maioria deles experimenta impactos significativos em suas vidas desencadeados pelos reordenamentos do trabalho. A transformação do lar em local de trabalho, a cobrança por produtividade e o uso de meios tecnológicos para a realização das atividades de trabalho são alguns dos desafios a curto prazo que os comunicadores precisam enfrentar para continuar exercendo profissões que despontam como essenciais em um cenário pandêmico e marcado também por crises de ordens política e social.

Considerações finais

A pandemia da Covid-19 tem se apresentado como uma questão global de saúde pública cujos impactos se fazem notar na economia, nas práticas de sociabilidade e mesmo nas subjetividades (HAN, 2020). Ameaça invisível, de disseminação veloz e com índices consideráveis de letalidade, o novo coronavírus é capaz de demarcar uma crise, entendida como ruptura em relação a um estado de normalidade anterior, e desencadear uma realidade discursiva particular, em que se busca conferir sentidos palpáveis ou visíveis para esse fenômeno (MAINGUENEAU, 2020).

Nesse sentido, esta pesquisa é impulsionada pelo propósito de produzir e compreender alguns dos sentidos atribuídos por trabalhadores dos setores de comunicação à Covid-19, especialmente aqueles que incidem sobre a reconfiguração das práticas profissionais causadas pelas medidas de prevenção e/ou combate ao vírus. A pesquisa consistiu na aplicação de um questionário on-line, com perguntas abertas e fechadas, que buscavam inquirir sobre as condições de trabalho daqueles profissionais durante a pandemia.

Das 557 respostas válidas, 38 eram de profissionais cearenses, na maioria jornalistas. Esse subconjunto de informantes realiza seu trabalho num dos estados mais atingidos pelo novo coronavírus, com cerca de 10% do total de casos e mortes do Brasil - país que, por sua vez, tem o segundo maior número de casos e está em terceiro no número de mortes no momento da redação deste texto². Nesse cenário, os trabalhadores demonstram receio em realizar atividades externas e verbalizam insatisfação com o que consideram demora ou insuficiência das organizações e empresas na adoção de medidas preventivas e de contenção do contágio.

As principais mudanças no trabalho declaradas pelos participantes localizados no Ceará foram decorrentes da adoção do trabalho remoto, em *home office*. Como constatado ao longo deste relatório, novas prescrições para o trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2008) foram percebidas em razão dos novos modos de organização das atividades, fluxos de comunicação e coordenação de horários entre as equipes de trabalho. A adequação às novas normas para a realização das atividades de trabalho foi acompanhada pela intensificação do trabalho (ANTUNES, 1999; 2018), marcada pelo aumento do ritmo do trabalho, que ficou “um pouco mais pesado” e “muito mais pesado” para a maioria dos comunicadores.

Por vezes, esse ritmo intenso foi acompanhado pela extensão da jornada de trabalho em razão da cobrança por produtividade ou mesmo face às dificuldades que a distância da sede da empresa ocasiona, dada a ausência de meios de trabalho como arquivos de mídia ou de computadores com configurações mais adequadas à atividade laboral. Aliás, o custo do trabalho remoto recaiu sobre o próprio trabalhador, o qual se valeu de seus meios particulares (computador, smartphone, conexão de internet doméstica e conexão

² Dados relativos a 7 de junho de 2020 (EVOLUÇÃO NOS CASOS, 2020).

de internet móvel) para desempenhar suas funções diretamente do ambiente doméstico.

À distância, o trabalho se organiza por meio de aplicativos como whatsapp e Trello e pelo serviço de e-mail, demarcando assim uma migração da dinâmica do trabalho das redações físicas para redações virtuais (MARQUES, MOLIANI, KINOSHITA, 2018), que se complementam com a utilização de aplicativos para realização de reuniões por chamadas de vídeo de empresas como Google e Microsoft, que passaram a integrar a rotina de muitos trabalhadores durante a pandemia, deixando mais à mostra uma faceta da mediação do trabalho pelas plataformas (GROHMANN, 2020).

Ao mesmo tempo em que o conjunto de dados aqui apresentado deve ser compreendido à luz dos resultados nacionais, ele oferece pistas em si mesmo acerca, sobretudo, do tensionamento das relações de trabalho em instituições e empresas de comunicação, notadamente no exercício do jornalismo profissional. A despeito de seguir reputado como atividade essencial para a sociedade, o exercício do jornalismo na pandemia tornou mais visíveis fragilidades e ambivalências da gestão das redações, assessorias e outros espaços de atuação dos comunicadores, em particular dos jornalistas, que somaram a maioria dos participantes da enquête. Os resultados evidenciam indícios de uma precarização do trabalho que se agrava no contexto da pandemia e oprime os trabalhadores que se veem envoltos não só com os desafios do trabalho, mas com o temor do contágio da doença e do desemprego.

Estudos futuros poderão elaborar, com maior riqueza de detalhes, questões aqui evidenciadas, como a sobrecarga de trabalho vivenciada pelas mulheres, as formas de organização coletiva dentro das redações e as perspectivas de renormalização das atividades de trabalho remoto no cotidiano do jornalismo. Mas esses dados devem ser apropriados principalmente pelos trabalhadores da comunicação para que tenham ciência da profundidade das mudanças que se ensejam no mundo do trabalho e possam negociar as novas normas e valores que se lhes apresentam.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. O novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, SAMUEL. **Perfil do jornalista brasileiro - síntese**. UFSC/FENAJ, 2012. Disponível em: <<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2020.
- BELL, Emily; OWEN, Taylor; BROWN, Pete; HAUKA, Codi; HASHIDIAN, Nushin. **A imprensa nas plataformas** - como o vale do silício reestruturou o jornalismo. New York: Columbia Journalism School, 2017, Columbia University Academic Commons, <https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A crise do jornalismo tem solução?** Estação das Letras e Cores, Edição Kindle, 2019, Não Paginada.
- CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**, trad. Joaquim Toledo Jr., SP: UBU, 2017.
- DOMINIQUE Maingueneau**. Realização de Dominique Maingueneau. S.I.: Abralin, 2020. (102 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXzRI0UdvKk&>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- EVOLUÇÃO NOS CASOS DO NOVO CORONAVÍRUS. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. 1-1. 23 mar. 2020. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/evolucao-nos-casos-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 07 jun. 2020.
- FÍGARO, Roseli. Atividade de comunicação e de trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, 6(1), 2008, pp. 107-146. <https://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462008000100007>
- FÍGARO, Roseli; NONATO, Claudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.
- FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e astúcia da história. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, v. 22, nº 1, jan.-abr. 2020, p. 106-122.
- HAN, Byung-Chul. **O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han**. El País. São Paulo, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- ÍNDICE Mundial da Liberdade de Imprensa 2020: **“Estamos entrando em uma década decisiva para o jornalismo e o coronavírus é um multiplicador”**. Repórteres Sem Fronteiras, 2020. Disponível em: <<https://rsf.org/fr/classement-mondial-de-la-liberte-de-la-presse-2020-nous-entrons-dans-une-decennie-decisive-pour-le>>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- MARQUES, José. **TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MARQUES, Ana Flávia; MOLIANI, João Augusto; KINOSHITA, Jamir Osvaldo. Os arranjos de mídia alternativos e suas “redações virtuais”. **Anais SBPJor**. São Paulo: FIAAM FAAM/Anhembi Morumbi, novembro, 2018.

RICCO, Flávio. **Coronavírus faz disparar audiência da TV por assinatura**. UOL, 2020. Disponível em:

<<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2020/03/30/coronavirus-faz-disparar-audiencia-da-tv-por-assinatura.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2020

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e ergologia** – Conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.

SILVA, Cláudio Marcos da. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejetização**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. revista. São Paulo: Summus, 2011.